

## A POSSÍVEL INFLUÊNCIA DE CRUZ E SOUSA SOBRE A ESCRITA DE EUCLIDES DA CUNHA

*Juan Marcello Capobianco* (UFRJ)  
[juanmarcello@id.uff.br](mailto:juanmarcello@id.uff.br)

### RESUMO

Neste artigo exploramos a possibilidade de o escritor Euclides da Cunha ter conhecido textos do poeta simbolista João da Cruz e Sousa (1861-1898), por meio de uma comparação textual e não-biográfica. Embora contemporâneos e trabalhando na mesma Estrada de Ferro Central do Brasil, na mesma época – Euclides da Cunha como engenheiro-praticante e Cruz e Sousa como praticante – não há registros de que tenham se conhecido ou lido seus respectivos escritos. Entretanto, as expressões antitéticas, agônicas, conflitantes semanticamente pela busca de exprimir o “indizível”, com efeito, foram traços comuns a ambos, e, se cabe à história negar ou comprovar fatos, neste artigo de literatura comparada tratamos a análise das semelhanças na linguagem, que se mostram e não permitem ao pesquisador descurá-las.

**Palavras-chave:** Cruz e Sousa. Simbolismo. Euclides da Cunha.

*Broquéis* (1893), de Cruz e Sousa, foi inteiramente composto de sonetos, rima e métrica que eram cânones adotados pelos parnasianos, mas obteve forte rejeição das camadas dominantes dos círculos literários, dos realistas e próprios cultores do *Parnaso*. Havia, de fato, um tecido imenso que permeava toda a nova escrita, e que se afastava da descrição marmórea daqueles estilos. Eram recursos, mecanismos, técnicas, ademais, não novas, eis que já praticadas nos tempos de Baudelaire, desde *Les Fleurs du Mal* (1857) e nos textos de Verlaine, Rimbaud, Mallarmé, Villiers de L'Isle-Adam, Mae-

terlinck, todos lidos por Cruz e Sousa – no idioma francês (MURICY, 1987, p. 151) – e conhecidos dos intelectuais brasileiros. A questão se dava no trabalho da linguagem, e não propriamente na *temática*.

Avançando logo depois da morte do poeta catarinense, na prosa consagrada de Euclides da Cunha, cujo ecletismo moderno de *Os Sertões* (1902) o levou ao reconhecimento imediato e à indicação para a Academia Brasileira de Letras, Augusto Meyer observou um lavor expressivo no linguajar euclidiano a procura da expressão exata, da nota precisa que exprimisse a extensa gama de tragicidade de que foi testemunha o articulista e Engenheiro. Aponta Meyer:

O jogo antitético percorre uma escala inteira de variações. O famoso oxímoron Hércules-Quasímodo daquela página que tanto nos impressionava no ginásio não é exemplo muito raro em Euclides, pertencem à mesma família *paraíso tenebroso, sol escuro, tumulto sem ruídos, carga paralisada, profecia retrospectiva, medo glorioso, construtores de ruínas* etc. Pode-se escudar numa construção paralógica: os documentos encontrados em Canudos "valiam tudo porque nada valiam"; a cidadela "era temerosa porque não resistia" ou "rendia-se para vencer". (MEYER, 1956, p. 189)

O que Meyer chamou de “construções paralógicas”, como “tumulto disciplinado”<sup>5</sup>, bem observando, era um trabalho expressivo na busca da expressão inefável, capaz de traduzir o quiçá intraduzível, dando sutis feições às antíteses que se mesclavam às combinações inusitadas. Todavia, eram recursos simbolistas<sup>6</sup> utilizados pela primeira vez, no Brasil, por Cruz e

---

<sup>5</sup> Na própria obra de Euclides, encontraremos expressões antitéticas como “Hércules-Quasímodo” e “minotauro impotente e possante”, em que o sertanejo encarna a intenção da força e a simultânea debilidade fisiológica para o combate. (CUNHA, 2002, p. 207 e 361)

<sup>6</sup> Hugo Friedrich, mesmo estudando Baudelaire como “primeiro poeta moderno” (sem designá-lo por *simbolista*), demonstra a frequência das antíteses como um procedimento recorrente, dissonância do léxico, que aparece no poeta francês em exemplos como “grandeza suja”, “caído e encantador”, “horror sedutor”, “negro e

Sousa, o que o crítico omite, e, quanto à antítese, Leonardo Oliveira considera recurso capital na poesia sousiana:

o importante é a ausência de sentido fixo de suas imagens, a antítese em si é o aspecto relevante de sua poesia. Ela é o processo que consideramos central em Cruz e Sousa e não o uso de figuras ou temas, como a mulher, o negro, a ascensão ou o diabo. A antítese subjaz a essas palavras e cria uma unidade expressiva que não depende do fechamento de sentidos de seus símbolos. (OLIVEIRA, 2007, p. 86)

Contudo, foi Antônio de Pádua, em 1946, quem primeiro inventariou exemplos do poeta catarinense que, em analogia à sôfrega busca pela expressividade, que vemos em Euclides, deixamos como exemplo da mescla de antíteses e jogos semânticos inusitados, que são, substancialmente, a procura da tradução do absurdo do sentido por meio da linguagem. Em Cruz e Sousa: “tédio amarelo”, “paixão purpúrea”, “cruzes negras do tédio”, “esverdeadas invejas”, “vermelhas orgias”, “púrpuras de luxúria”, “luar de perdões”, “êxtases de ocasos”, “sóis em febre” “vermelhos clarinantes”, “claridade viscosa” (PÁDUA, 1946); o que também foi observado por Alfredo Bosi, em outras passagens, em que

às vezes, a oposição do adjetivo concreto ao nome abstrato alcança efeitos raros: "nevroses amarelas", "azuis diafaneidades", "fulvas vitórias", "triumfamentos acres", "brancas opulências", "agres torturas", "aladas alegrias", "doçuras feéricas", "negras nevrasenias". (BOSI, 2013, p. 291)

Sob outro ponto de vista, em 1897, quando escasseavam recursos para a subsistência e a tuberculose se aproximava, Cruz e Sousa concluía a prosa torturada de *Evocações*, os versos transcendentais de *Últimos Sonetos*, e elaborava *Faróis*, incluindo a data de janeiro de 1897 a “Olhos de Sonho” e “Vio-

---

luminoso” (o que, para a maioria dos estudiosos, são processos *simbolistas*). Friedrich chama o recurso de *oxymoron*, como figura poética apropriada para a expressão de estados complexos da alma. (FRIEDRICH, 1978)

lões que Choram...”, dois de seus poemas mais abismais e transfiguradores.

No mesmo ano, no dia 4 de agosto, Euclides da Cunha, na condição de adido ao Estado-Maior do Ministro da Guerra, rumava em comitiva para a Bahia, como correspondente do jornal *Estado de São Paulo* (SILVA, 2010, p. 283), onde ocorria a Guerra de Canudos, testemunhando e publicando periodicamente neste jornal o massacre que futuramente comporia sua obra magna, *Os Sertões* (1902), e o tornaria porta-voz de uma das mais tormentosas e sanguinárias máculas da historiografia brasileira<sup>7</sup>.

Mais que uma leitura de Cruz e Sousa realizada por Euclides, fato sobre o qual não encontramos qualquer registro em pesquisas, até o momento, a ideia do trabalho de *busca* na linguagem acusa um recrudescimento das situações-limite de fim de século, também no campo da política e dos conflitos sócio-psicológicos, que o poeta catarinense soube antecipar, e que já vemos proximidade na escrita do engenheiro de *Os Sertões*, aparentemente distante da leitura da obra do autor de *Faróis*.

Clóvis Moura, explorando a retórica euclidiana, explica que o escritor “continua na esteira dos positivistas clássicos e dos neopositivistas, como Mach, defendendo a teoria do ‘complexo de sensações’ e da ‘economia do pensamento’, do ‘simbolismo da realidade’[...]” (MOURA, 1964, p. 43), o que abre espaço para as construções simbólicas que sutilmente o autor de *Os Sertões* deixou impregnadas em sua obra, como em passagens lapidares, tal esta:

E por mais inexperto que seja o observador — ao deixar as respectivas majestosas, que se desdobram ao Sul, trocando-as pelos cenários emocionantes daquela natureza torturada, tem a

---

<sup>7</sup> Antes da obra-prima de Euclides da Cunha outras obras sobre a Guerra de Canudos haviam surgido. Ver mais em: Bombinho (2002), Horcades (1996) Benício (1997) e Soares (1902).

impressão persistente de calcar o fundo recém-sublevado de um mar extinto, tendo ainda estereotipada naquelas camadas rígidas a agitação das ondas e das voragens. (CUNHA, 1966, p. 107)

O mar exercia sobre Euclides tal fascínio, que o levou a metaforizá-lo em uma temática de seca sertanista. O percurso agônico de exprimir o volátil, que escapa pelas palavras, mas que só por elas pode ser expresso em texto, é também ânsia em Cruz e Sousa, como se lê em “Ritos”, de *Missal*:

de que fundo de civilização, de que ramo de raça, de que regiões vieste assim, numa original sensação de nervos, palpitante, convulso como o mar e como o mar sereno e também como o mar profundo e grande?! (SOUSA, 2000, p. 499)

Lourival Holanda elucidava, particularmente sobre Euclides, que a “descrição do ambiente faz parte do sentido que o narrador quer conferir ao texto, onde empresta ao detalhe geográfico toda uma carga de *simbolismo* [...]” (HOLANDA, 2008, p. 134. Grifos nossos), o que é acorde ao pensamento de Telmo Pimentel, para quem o autor de *Os Sertões*

reveste-se das nuances épica e trágica, ao realizar a transfiguração do homem, da terra e da luta pela *linguagem simbólica* que engendra em seu discurso a totalidade de um momento *sui generis* na história do Brasil. (PIMENTEL, 2011, p. 72. Grifos nossos)

Já se pode observar, com relativa nitidez, que as nuances temáticas não seriam o epicentro de onde espargiria a poética de Cruz e Sousa ao longo do século XX, mas seus sutis processos de construção de escrita, pois quando o professor Casiano Nunes relê *Últimos Sonetos*, do poeta catarinense, é a própria *linguagem* que o obriga a um redimensionamento. Explica Nunes:

Descobri quanto os grandes artistas, gerando significativos e singulares padrões de categoria estética e também de natureza moral, diminuem o relevo dos seus elementos biográficos e das suas ligações de escola ou grupo artístico. Esse contato com a realidade concreta dos *Últimos sonetos* levou-me a considerar a adesão ultra-conhecida de Cruz e Sousa ao simbolismo uma situ-

ação superada, fato distante, mero dado de manual de história literária. (NUNES, 1993, p. 25)

Mais que leitores um do outro – é *provável* que o simbolista de Santa Catarina tenha lido a respeito da tragédia de Canudos nas publicações periódicas do próprio Euclides, que vinha documentando bem antes de *Os Sertões* – o que se pode concluir é pela adesão maciça de ambos a uma escrita profundamente visceralizada às angústias e aos clamores de seu tempo, onde a palavra precisava romper o gesso de suas limitações semânticas, ultrapassando as amarras do realismo e, pelas mãos de artistas, comunicando fatos, sensações, clamores e até tragédias através da Arte.

Benjamin Abdala Júnior entende que “Cruz e Sousa, na poesia, e Euclides da Cunha, na prosa, poderiam constituir pontos de chegada do discurso crítico” proposto por Silvio Romero, em sua *História da Literatura Brasileira* (1902) (ABDALA JR., 2001, p. 215). Por extensão, é dedutível que estes discursos constituíssem *ponto de partida* de outras realidades mais complexas e turbulentas, quiçá não vivenciadas por Romero.

Embora estudos sobre o militar e jornalista carioca não mencionem vestígios de que tenha conhecido ou lido Cruz e Sousa, e que a fortuna crítica do poeta de *Faróis* tampouco faça qualquer referência, em 16 de agosto de 1893, o futuro autor de *Os Sertões* era indicado para estágio de um ano, como engenheiro-praticante, na Estrada de Ferro Central do Brasil, direito concedido aos recém-formados. Alguns meses antes, em dezembro de 1892, Cruz e Sousa já assumira o emprego fixo de praticante, na mesma Empresa.

Euclides, atento que era ao contexto de seu tempo e intelectual de rara virtude, ao ingressar no estágio, pela época exata, no terreno movediço das (nossas) cogitações, é provável que tenha tido notícia de Cruz e Sousa e, publicadas recentemente *Missal* e *Broquéis*, do poeta, possa ter manuseado al-

gum dos escritos. É hipótese que permanece na incógnita por falta de vestígios históricos, mas que o trabalho minucioso e, em alguns pontos, similar, na linguagem das obras já comparadas, sugere ao pesquisador que não as atribua simplesmente ao mero acaso.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA JR., Benjamin. Cruz e Sousa e Euclides da Cunha, estratégias discursivas? In: MOTA, Lourenço Dantas. *Introdução ao Brasil: um banquete no trópico*, vol. 2. São Paulo: Senac, 2001.

BENÍCIO, Manoel. *O rei dos jagunços* [1899]. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

BOMBINHO, Manuel das Dores. *Canudos, história em versos*. [1898]. 2. ed. São Paulo: Hedra; Imprensa Oficial do Estado; Universidade Federal de São Carlos, 2002.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 49. ed., São Paulo: Cultrix, 2013.

CUNHA, Euclides da. Os Sertões. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Aguilar, vol. I, 1966.

\_\_\_\_\_. *Os sertões: campanha de Canudos*. Leopoldo M. Bernucci. (Ed.). São Paulo: Ateliê, 2002.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. Da metade do século XIX a meados do século XX. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

HOLANDA, Lourival. Os sertões: o nascimento de uma nação. In: BERNUCCI, Leopoldo M. (Org.). *Discurso, ciência e controvérsia em Euclides da Cunha*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008, p. 125-140.

HORCADES, Alvim Martins. *Descrição de uma viagem a Canudos* (1899). 2. ed. Salvador: Edufba, 1996.

MEYER, Augusto. *Preto e branco*. Apresentação de José Renato Santos Pereira. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1956.

MOURA, Clóvis. *Introdução ao pensamento de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

MURICY, José Cândido de Andrade [1952]. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. 3. ed. Brasília: INL. 1987, 2 vols.

NUNES, Cassiano. Cruz e Sousa e o mito do poeta como herói moral. *Revista Travessia*, n. 26. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, 1993.

SILVA, Hiram Reis e. *Desafiando o rio-mar: descendo o Solimões*. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

PÁDUA, Antonio de. *À margem do estilo de Cruz e Sousa*. Coleção brasileira de divulgação: Literatura, série VI, n. 1. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação, 1946.

PIMENTEL, Telmo de Maia. A épica, a tragédia e a ironia em Os Sertões. *Interdisciplinar, Revista Eletrônica da Univar*, Rio de Janeiro, n. 7, 2011.

SOARES, Henrique Duque-Estrada de Macedo. *A Guerra de Canudos*. Rio de Janeiro: Typ. Altiva, 1902.

SOUSA, João da Cruz e. *Obra completa*. Organização, introdução, notas, cronologia e bibliografia por Andrade Muricy. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.